

“Paz era a Resposta”: Antigo recluso cita a importância da Educação para a Paz na reabilitação



Depois de passar 21 anos na prisão por homicídio, Sean Walker foi libertado em 2014. Desde então, tem-se ocupado a ajudar os outros. E o Governador da Geórgia, Nathan Deal, mencionou a reabilitação bem-sucedida de Sean como um sinal daquilo que pode acontecer quando são dados aos reclusos os programas de apoio de que precisam para voltarem a integrar a sociedade e viverem vidas produtivas. Nesta carta, Sean escreve acerca de como o Programa de Educação para a Paz (PEP) o ajudou a recomeçar a sua vida.

Em 1993, cometi o mais horrível ato que se possa pensar. Tirei a vida a outro ser humano. Não só destruí essa vida, as vidas dos membros da família da vítima e as vidas dos membros da minha família, mas também destruí a minha.

Comecei à procura de respostas. Como é que tinha podido chegar ao ponto de acreditar que era aceitável cometer esse crime? Comecei por procurar Deus.

Muitas das respostas que recebi foram de professores espirituais. Eles informaram-me que o espírito humano era naturalmente mau e que a minha natureza má teria eventualmente vencido a minha consciência. E que, depois de tal acontecer, éramos invadidos por emoções descontroladas, o que nos fazia pecar ou cometer pecados. Por outras palavras, era natural fazer o mal.

Isso não me caiu bem. Concluí que, se fosse natural agir mal, então fazer o mal far-nos-ia sentir bem. Mas não faz. Fazer o mal faz-nos sentir horrivelmente cheios de arrependimento e remorso. Por isso, fazer o mal não deve ser natural. Fazer o bem faz-nos sentir bem, pelo que as boas ações devem ser naturais.

Então, equacionei boas ações e sentir-me bem com atos de paz e sentir-me em paz, logo, a paz devia ser natural.

Comecei a procurar a palavra “paz” na minha procura espiritual. Descobri que a palavra-chave que os Hindus procuram é “paz”, que Jesus saudou os seus discípulos com “paz” depois de ressuscitar e antes da ascensão. Jerusalém é a “cidade da paz”. E não só os muçulmanos se saúdam uns aos outros com uma frase que significa “que a paz esteja contigo”, mas também a raiz da palavra árabe: Islão, é “paz”.

Por isso, paz era a resposta. Era o que eu não tinha. Era o que eu perdera. Era aquilo de que eu precisava. Fazia parte da minha natureza. Era a minha natureza.

Assim, li, estudei e rezei pela paz. Jejuei pela paz. Fiz sacrifícios pela paz. Aprendi a palavra “paz” em diferentes línguas. Tentei criar paz no meu dormitório na prisão, no meu canto e entre outros reclusos. Foi-me dado o título de “O Pacificador” pelos guardas prisionais e pela equipa prisional, incluindo o diretor da prisão. Fui capaz de levar a paz a todos, menos a mim.

Só depois de me ter sido apresentado o Programa de Educação para a Paz, compreendi que estava a procurar a paz em todos os sítios errados. Estava à procura em todos os sítios, menos dentro de mim. Prem Rawat disse-me que a verdadeira paz estava dentro de mim. E foi aí que a viagem começou.

Comecei a olhar para dentro e não parei de o fazer. Depois de ter sido libertado da prisão, as lições de paz do programa eram tão poderosas que eu queria partilhá-las com os meus irmãos que ainda estavam na prisão – com aqueles que ainda não tinham sido apresentados à paz que jazia adormecida dentro deles.

Tenho agora a honra de ser um facilitador do Programa de Educação para a Paz. Esta procura interior pela paz é a única verdadeira liberdade, e sou compelido a espalhar esta mensagem a todas as pessoas que eu puder.

Agradeço a Deus pelo PEP.